

ELEMENTOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO EM NATAL (RN)

ELEMENTOS DE LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA DE LOS PROFESORES DE GEOGRAFÍA DE LA RED DE EDUCACIÓN DEL ESTADO EN NATAL (RN)

 Jane Claudia Cabral Bragelone^A

 Alessandro Dozena^A

 Eugênia Maria Dantas^A

^A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil

Recebido em: 17/05/2021 | 28/03/2022 DOI: 10.12957/tamoios.2022.59862

Correspondência para: Jane Claudia Cabral Bragelone (janny_bragelone@hotmail.com)

Resumo

O presente artigo é resultado de parte de uma pesquisa de mestrado, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado Profissional (GEOPROF), pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ele busca apresentar as principais dificuldades relatadas pelos professores de Geografia das escolas públicas da rede estadual de Educação do Rio Grande do Norte, localizadas em Natal, e suas estratégias metodológicas utilizadas para ensinar Geografia. Os dados foram obtidos por meio da realização de questionários com os professores, por meio dos quais obtivemos os seguintes resultados: as principais dificuldades apresentadas por esses professores estão atreladas à falta de recursos didáticos específicos para a disciplina de Geografia e as dificuldades de leitura e escrita de muitos alunos. Entre as principais estratégias metodológicas citadas, a aula expositiva é a de maior destaque, com suporte do livro didático, que por sua vez é a base da seleção dos conteúdos. No que se refere à avaliação, embora a prova escrita seja utilizada como o principal recurso, também é realizada por outros meios como: atividades do livro ou elaboradas pelo professor e trabalhos de pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Estratégias metodológicas; Professores da rede estadual do RN; Natal (RN).

Resumen

Este artículo es el resultado de parte de una investigación de maestría, realizada en el ámbito del Programa de posgraduación en Geografía - Maestría Profesional (GEOPROF), de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte. Se busca presentar las principales dificultades reportadas por profesores de Geografía de escuelas públicas de la red estatal de Educación de RN, ubicada en Natal, y sus estrategias metodológicas utilizadas para la enseñanza de Geografía. Los datos se obtuvieron mediante cuestionarios con profesores. Por medio del cual obtuvimos los siguientes resultados: las principales dificultades que presentan estos docentes están vinculadas a la falta de recursos didáticos específicos para la disciplina de Geografía y las dificultades lectoras y escritas de muchos estudiantes. Entre las principales estrategias





metodológicas citadas, la clase expositiva es la más destacada, apoyada en el libro de texto, que a su vez es la base para la selección de contenidos. La evaluación, si bien se utiliza la prueba escrita como recurso principal, también se realiza por otros medios como: actividades del libro o elaboradas por el profesor y trabajos de investigación.

Palabras clave: Enseñanza de la geografía; Estrategias metodológicas; Docentes de la red estatal de RN; Natal (RN).

INTRODUÇÃO

Ensinar exige que todo professor ultrapasse uma série de desafios, e que adquira uma lista de “saberes necessários à prática educativa” - fazendo referência ao subtítulo da obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire. Esses saberes são adquiridos em parte na formação acadêmica, e em parte na prática da sala de aula, na qual por meio de erros e acertos o professor vai ajustando a sua prática. Neste artigo, temos o objetivo de apresentar as principais dificuldades relatadas pelos professores de Geografia de escolas públicas da rede estadual do Rio Grande do Norte, que atuam em Natal, e suas estratégias metodológicas para ensinar Geografia.

Nossa principal fonte de pesquisa são os dados empíricos, obtidos nas escolas em contato com os professores, por meio de questionários. No entanto, a reflexão é feita considerando a produção científica na área de educação e ensino de Geografia, que nos permite articular as informações repassadas pelos professores e os saberes produzidos na área.

Foram selecionadas as escolas que oferecem o Ensino Fundamental 2 (anos finais) na rede estadual de ensino, localizadas no município de Natal, estado do Rio Grande do Norte, sendo que pelo Censo Escolar de 2015 eram 70 instituições. Fizemos esse recorte na etapa de ensino, pois é a partir dela que o professor de Geografia atua. Entre as 70 instituições foram escolhidas aleatoriamente 24 escolas para fazer parte da pesquisa, de modo que estivessem distribuídas pelas 4 zonas administrativas da cidade (Norte, Sul, Leste e Oeste), para que tivéssemos a maior diversidade possível. Segundo os dados da Secretaria de Educação do Estado, fornecidos em maio de 2016, havia 118 professores de Geografia lotados nas escolas de Ensino Fundamental (anos finais) em Natal. Como em cada escola foi realizado o questionário com um professor, ao todo participaram 20% dos professores dessa etapa de ensino na cidade.

Durante as visitas às escolas, a cada professor de Geografia foi entregue um questionário impresso, no qual se perguntava, entre outras questões, quais as principais dificuldades que esses profissionais enfrentam no seu dia a dia, que influenciam sua prática. Esse questionário foi a base para os resultados apresentados neste artigo. Para que possamos analisar os resultados apresentados é importante conhecer, desde já, o universo de professores pesquisados, que ao todo foram vinte e quatro, sendo quinze mulheres e nove homens, todos entre 28 e 52 anos de idade. Tais professores são formados em Geografia, tendo sido a grande maioria (71%) formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), três professores se formaram no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), tendo ainda um formado na Universidade Potiguar (UNP), um na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e dois que não informaram a instituição de formação. Todos os professores se inseriram na rede por meio de concurso público.



Ainda sobre a formação dos professores participantes, 79% deles cursaram pós-graduação, sendo a maioria especializações ligadas à área de Educação. O tempo de experiência em sala de aula variou entre 3 e 30 anos, contudo, 62% dos participantes já tinham mais de 10 anos de experiência no trabalho docente, tendo, portanto, uma prática bastante consolidada.

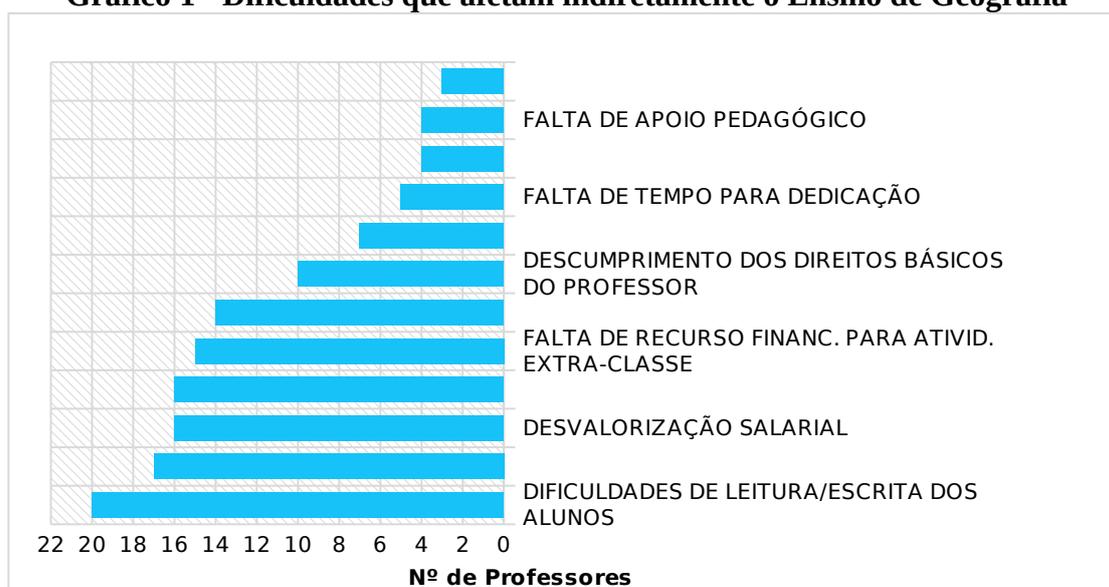
Realizada uma breve contextualização de onde e como obtivemos as informações empíricas, organizamos os resultados obtidos por meio de questionários em formato de gráficos, sintetizando as informações relatadas para melhor visualização. Veremos a seguir as principais dificuldades apresentadas pelos professores, além das principais estratégias metodológicas que estes utilizam e outras nuances associadas à sua prática e articuladas às reflexões teóricas sobre o tema.

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS QUE OS PROFESSORES DE GEOGRAFIA RELATAM NA PRÁTICA DE SALA DE AULA

As questões que serão aqui problematizadas estão associadas aos desafios que os professores enfrentam em sua prática, às principais estratégias que estes utilizam no dia a dia, como selecionam seus conteúdos e como avaliam o resultado das aprendizagens, dentro da realidade das escolas estaduais situadas em Natal (RN). Vale ressaltar que tais questões podem refletir apenas a realidade local, considerando os diversos contextos, como também se assemelhar aos problemas encontrados em outros locais. Toda sala de aula apresenta uma enorme diversidade de possibilidades, por isso refletiremos sobre alguns problemas e estratégias apresentadas pelos professores.

A primeira questão a ser discutida é: Quais as dificuldades que afetam direta ou indiretamente a prática do professor quanto ao ensino de Geografia? A partir das respostas desses profissionais elaboramos o gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Dificuldades que afetam indiretamente o Ensino de Geografia



Fonte: Dados dos questionários, 2016. Elaboração dos autores.



A principal questão que ocasiona dificuldades a esses professores no ato de ensinar é a deficiência dos alunos em leitura e escrita, problema que afeta diretamente o ensino de Geografia, e de outras disciplinas. Muitos alunos vêm das séries iniciais sem ter adquirido essa habilidade básica de modo satisfatório, gerando um problema ainda maior de aprendizado em todas as disciplinas. Isto evidencia que as séries iniciais e todo o Ensino Fundamental requerem uma atenção especial nas políticas de educação, pois são a base fundamental para as séries subsequentes. É preciso pensar em ações efetivas para a escolarização inicial, de modo a atender a demanda básica de leitura e escrita.

Além dessa dificuldade, os professores destacam a falta de interesse dos alunos. O trabalho de Ribeiro e Gusmão (2011) avalia a qualidade da educação em quatro estados brasileiros, a partir dos Indicadores da Qualidade na Educação (INDIQUE), demonstrando que esse não é um problema só de Natal ou do Rio Grande do Norte. Na verdade, o desinteresse dos alunos está entre os principais problemas apontados por essa metodologia de autoavaliação das escolas.

Esse é um problema das escolas como um todo e do sistema de ensino, que se apresenta muitas vezes incompatível com a evolução da sociedade, e mantém modelos já antigos de organização do ambiente escolar, que não atraem os jovens. Mas se não é possível alterar isso de imediato, o que pode ser feito em Geografia para minimizar esse problema? Castrogiovanni (2007) acredita que o desinteresse dos alunos deve ser combatido com temas atuais, e que o professor deve procurar identificar as características do grupo para envolvê-lo. Em sua visão é comum os adolescentes apresentarem, como forma de defesa e de resistência, certo grau de ironia, e até de agressividade. Assim, o autor coloca uma possibilidade:

Na geografia, o comportamento pragmático dos alunos deve ser trabalhado com temas que exijam reflexões direcionadas para práticas, tanto na escala local quanto global [...] A identificação e a busca de resolução de problemas acabam incentivando, cada vez mais, a participação dos alunos e da comunidade e ajudam a diminuir o sentimento de impotência, que está desmotivando a sociedade, como um todo, a participar do engajamento social [...] O professor não deve esquecer que a percepção espacial de cada sujeito ou sociedade é resultado, também, das relações afetivas e de referências socioculturais. Despertar e manter a curiosidade dos alunos deve ser sempre a primeira tarefa da escola e um desafio constante para os professores cujo trabalho é prazeroso, mas os resultados nem sempre são imediatos (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 44-45).

No entanto, promover atividades que exijam reflexões direcionadas para práticas, como diz Castrogiovanni (2007), exige um modelo de Educação que vá além da reprodução de conteúdos, da técnica de memorização exclusiva, que algumas vezes ainda caracteriza as práticas em sala de aula. É preciso que o ensino seja pensado para desenvolver a aprendizagem de conceitos, mas também de procedimentos e atitudes, inclusive, desde a alfabetização, a fim de minimizar as deficiências de leitura e escrita.

Outros problemas também implicam nessas dificuldades, a exemplo da desvalorização do professor, da deficiência na própria forma de organização do sistema educacional, associados à falta de recursos financeiros para o desenvolvimento de atividades que possam ir além da sala de aula. Esses são problemas marcantes que acabam influenciando, inclusive, a falta de interesse dos alunos.

Quando questionados sobre as dificuldades específicas do ensino de Geografia, quatro professores afirmaram não ter nenhuma dificuldade. Já os outros vinte professores destacaram as seguintes dificuldades:

**Gráfico 2 - Dificuldades ligadas diretamente ao ensino de Geografia**

Fonte: Dados do questionário, 2016. Elaboração dos autores.

Sem dúvida, a maior reclamação foi a falta de recurso didático específico, pois na maior parte das escolas falta material específico para o uso da disciplina, além do livro didático e dos mapas; que possam auxiliar na prática docente.

É preciso então que o professor crie esses recursos, e diante do pouco tempo disponível, essa se torna uma tarefa bastante difícil. Alguns recursos gerais, como música, vídeo, jogos, entre outros, embora não sejam específicos da Geografia, podem muito bem ser apropriados por ela, como abordaremos na sequência.

É possível que a falta desses recursos, associado à dificuldade de pensar formas de abordar determinados conteúdos de maneira interativa, contribuam para que muitos estudantes não tenham claro qual a importância do conhecimento geográfico, o que gera a desvalorização da disciplina. Há também, em alguns casos, uma cultura de valorização de alguns saberes em detrimento de outros, incentivando essa visão de que algumas disciplinas escolares são mais importantes que outras.

Outra questão marcante na realidade de muitas escolas é a dificuldade de se trabalhar de forma interdisciplinar. Embora isto seja recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a interdisciplinaridade ainda é uma tarefa difícil de ser atingida na prática, pois há uma tendência ao isolamento disciplinar, por diversas razões. Uma delas é a falta de tempo para reunir os professores de diferentes áreas e elaborar projetos conjuntos ou atividades integrativas.

Principais estratégias metodológicas utilizadas pelos professores

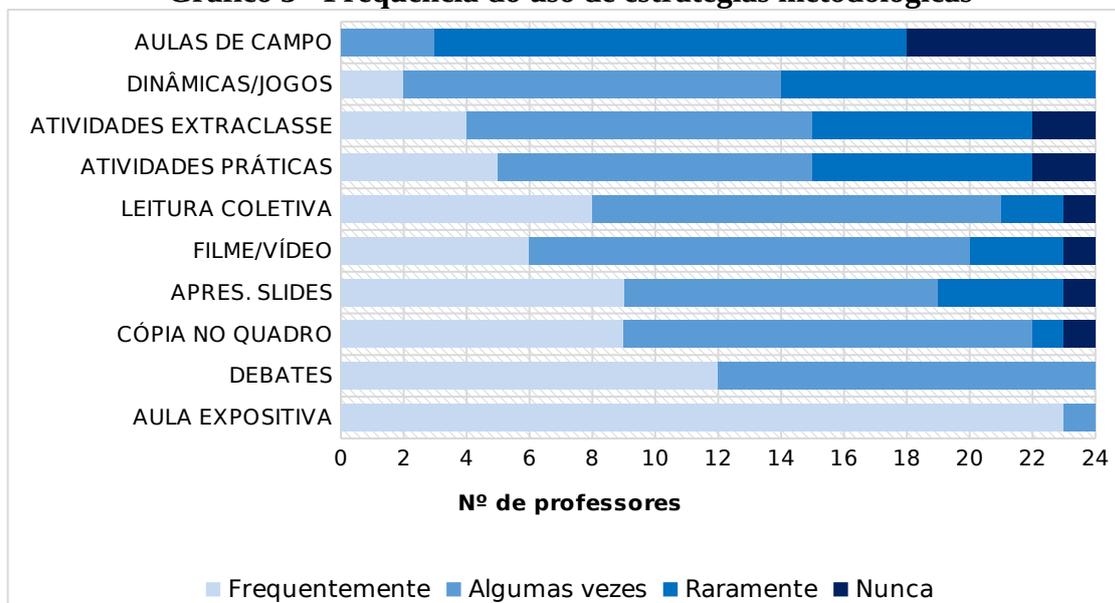
Cada professor tem a sua maneira de organizar a aula, de acordo com sua estratégia e de posse dos recursos que atendam seus objetivos, é capaz de ensinar, do mais simples ao mais complexo conteúdo. O contexto em que ele trabalha, assim como os alunos com os quais ele partilha suas experiências e saberes, também são fatores que determinam suas estratégias. Assim, é preciso estar atento, pois: “... tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos” (ZABALA, 1998, p.29).



Cientes das dificuldades que esses professores enfrentam no seu cotidiano escolar, elaboramos os seguintes questionamentos: Como eles contornam as dificuldades encontradas em sala de aula? Quais são as estratégias por eles utilizadas? Ao questionarmos com que frequência eles utilizam determinadas estratégias metodológicas, o que ficou evidente (gráfico 3) é que a aula expositiva ainda é a principal estratégia; embora outras metodologias também sejam utilizadas.

Ainda que a aula expositiva seja a metodologia mais frequente, de fato há a necessidade de o professor expor o conteúdo em alguns momentos. É importante que a exposição esteja atrelada ao diálogo, e que o aluno não seja apenas ouvinte, mas também participante. Nesse sentido, os professores utilizam como estratégia os debates, por meio destes o aluno também tem oportunidade de expor suas ideias, de contrapor opiniões com os colegas e com o próprio professor, isso porque, conforme Paulo Freire: “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p.26).

Gráfico 3 - Frequência do uso de estratégias metodológicas



Fonte: Dados do questionário, 2016. Elaboração dos autores.

A aula expositiva desde que dialogada, pode ser um meio para o aluno também se colocar, e partilhar com o professor o seu saber. Para isso, é importante a mediação do professor, que deve observar a forma de conduzir o diálogo, trazendo o aluno para a discussão. Embora a exposição dialogada seja bastante empregada em nosso cotidiano escolar, é fundamental, conforme afirma Fiziola e Kozel (2009), a presença de múltiplas linguagens nas aulas de Geografia; inclusive nas aulas desenvolvidas por todas as disciplinas.

Apostar na variedade de estratégias é importante para permitir que se amplie o aprendizado e que a própria aula não se torne monótona. O conteúdo da Geografia permite a utilização de diversas linguagens, o que é fundamental para atender a diversidade existente em uma sala de aula:

A simples relação criteriosa dos conteúdos a serem ensinados não representa uma garantia por si mesma para a formação plena do aluno. Cada pessoa representa um mundo de experiências vividas diferentes. Isso significa dizer que, na leitura e



compreensão desse conteúdo, cada um interagirá de forma diferente: A diversidade é inerente à natureza humana. Assim, o professor deverá ter consciência que muitos deverão ser os recursos didáticos [e as estratégias de ensino] utilizados no processo da aprendizagem para contemplar essa diversidade que caracteriza o universo da sala de aula (BRASIL, 1998, p.133, grifo do autor).

Uma estratégia muito cara a Geografia são as aulas de campo, essenciais para o estudo prático de muitos conteúdos da disciplina, seja para visualizar *in loco* determinado fenômeno, ou mesmo para conhecer diferentes espaços. Infelizmente, as aulas de campo quase não são realizadas, em função principalmente da falta de recursos financeiros nas escolas públicas. No entanto, o próprio entorno da escola, o bairro ou pontos da cidade podem ser explorados pelo professor através de visitas a esses espaços.

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de Geografia, pois permitem ao professor a proposição de questões reais e de importância concreta para os alunos (FARINA E GUADANGNIN, 2007, p.111).

Além das atividades de campo, os autores destacam a importância de atividades práticas realizadas antes da exposição do conteúdo, por exemplo, quando é preciso trabalhar conteúdos abstratos, como alguns tópicos de Cartografia, o que envolve conhecimentos da Matemática. Realizar uma prática, seja fora ou dentro do ambiente escolar, cria a oportunidade de apresentar aos alunos os conteúdos de forma mais concreta e aproximá-los do seu uso cotidiano.

As estratégias de cada professor dependem diretamente dos recursos disponíveis na escola. Existem hoje diversas linguagens que são apropriadas como recursos didáticos pela Geografia: a música, o cinema, jogos, gráficos, imagens, vídeos, maquetes, mapas e o próprio livro didático, que muitas vezes traz em si outras linguagens que podem ser exploradas. A lista de possibilidades é bastante ampla e requer criatividade por parte do professor.

A respeito das múltiplas linguagens, Filizola e Kozel (2009) corroboram com essa ideia quando defendem a utilização de imagens como potencializadoras da explicação de um conteúdo no ensino de Geografia, assim como os filmes que trazem imagens em movimento, e podem fazer referências a outras cidades ou países, contribuindo para o conhecimento de diferentes realidades. Cabe ao professor, diante desses recursos, fazer as mediações com o conhecimento geográfico.

Diante desse universo de possibilidades, o professor pode dispor de diversos instrumentos que complementam a sua prática pedagógica. Zabala (1998) defende que a escola deve ter ao seu alcance uma variedade de materiais curriculares como suporte para o trabalho dos professores:

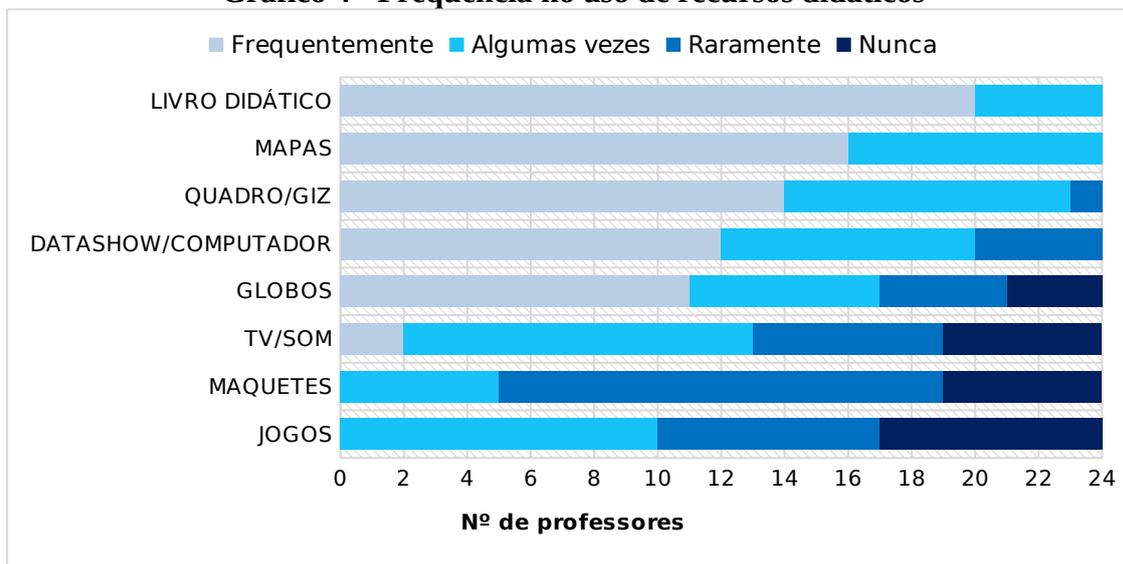
Uma das conclusões da análise dos recursos didáticos e de sua utilização é a necessidade da existência de materiais curriculares diversificados que, como peças de uma construção, permitam que cada professor elabore seu projeto de intervenção específico, adaptado às necessidades de sua realidade educativa e estilo profissional (ZABALA, 1998, p. 187).

Muitas vezes a escola não dispõe de muitas opções. Como vimos anteriormente, umas das maiores dificuldades citadas pelos professores é a falta de recursos didáticos específicos



para a disciplina. A consequência disso é que o recurso mais utilizado torna-se o livro didático, conforme mostra o Gráfico 4:

Gráfico 4 - Frequência no uso de recursos didáticos



Fonte: Dados do questionário, 2016. Elaboração dos autores.

Atualmente os professores têm a oportunidade de analisar e escolher o livro didático que consideram mais interessante. Isso é importante porque possibilita a adequação do livro à realidade dos alunos. Entre muitas opções que são disponibilizadas, a grande maioria é de qualidade, e, inclusive, interage com outros recursos, como filmes, mapas e textos literários. Pontuscka *et al.* (2009) ao abordar a importância do livro didático, afirma que:

Atualmente, a ampla produção cultural disponibiliza múltiplas linguagens a ser utilizadas como auxiliares na compreensão e análise do espaço geográfico. Não obstante, os livros didáticos continuam a ser o grande referencial na sala de aula para alunos e professores das escolas públicas e privadas do País, embora sejam utilizados de formas variadas: às vezes, permitindo que o aluno faça uma reflexão sobre o espaço; muitas vezes, trabalhando com a Geografia de modo tradicional e não reflexivo. A variação de usos em sala de aula depende da relação existente entre os vários fatores: a formação geográfica e pedagógica do professor, o tipo de escola, o público que a frequenta e as classes sociais a que atende (PONTUSCKA *et al.*, 2009, p. 339).

Além do livro, o gráfico também destaca o uso dos mapas. Seria impossível pensar em Geografia e não pensar em mapas, já que a Cartografia é uma linguagem essencial no estudo do espaço. No entanto, Pontuscka *et al.* (2009) critica a forma como os mapas são utilizados em sala de aula, uma vez que não proporcionam as condições para os alunos fazerem uso de fato desse recurso, associando, por exemplo, informações da mídia à localização dos fatos, ou efetuando cruzamento de variáveis, interpretando fenômenos, entre outras possibilidades.

A autora afirma que: “Tanto os mapas murais como o atlas, na condição de instrumentos pedagógicos, deveriam ser presença obrigatória nas salas de aula de Geografia” (PONTUSCKA *et al.*, 2009, p.326). Quanto a isso podemos afirmar que entre os professores pesquisados, todos eles utilizam os mapas como recurso. É preciso avaliar ainda de que modo ele é utilizado, considerando que “esse material, na escola, precisa ser utilizado no desenvolvimento de um raciocínio geográfico e geopolítico” (Ibidem, p.326).



Os recursos como maquetes e jogos têm um caráter muito lúdico, porém são utilizados com menor frequência, talvez porque sejam materiais que não estão disponíveis nas escolas e dependem da elaboração do próprio professor, o que demanda, portanto, mais tempo e inclusive outros materiais para construí-los.

As novas tecnologias também têm auxiliado o ensino de Geografia. O destaque aqui vai para o uso do *Data show*, que facilita as aulas trazendo ilustrações, fluxogramas e tantas outras possibilidades dinâmicas de apresentação do conteúdo trabalhado. Um dos maiores desafios atuais está justamente em fazer uso das ferramentas digitais que estão no cotidiano dos jovens, de forma proveitosa também para o ensino de Geografia.

Como é realizada a seleção dos temas pelos professores

Embora tenhamos atualmente um documento que norteia nacionalmente os conteúdos que devem ser tratados na escola – a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os professores ainda têm certa autonomia para decidir sobre a seleção de seus conteúdos, considerando a diversidade de situações no ensino, o que exige, muitas vezes, adaptações dos temas gerais. Dessa forma, “a dificuldade de selecionar o conteúdo para ser trabalhado em aula coloca ao professor de Geografia constantemente o dilema de o que tratar” (CALLAI, 2009, p.102).

Mesmo aqueles professores que têm o livro didático como principal referência, precisam selecionar alguns temas, considerando a quantidade de material disponível no livro e o tempo de aula disponível no ano, que muitas vezes é incompatível. Então, como ele seleciona os conteúdos relevantes à realidade dos seus alunos? Para Vesentini (2009):

[...] não há conteúdos “corretos” ou esquemas conteudistas prontos para uma geografia escolar do século XXI. É evidente que existem temáticas essenciais, mas não conteúdos pré-definidos e sempre invariáveis tal como ocorria com a geografia tradicional e o seu invariável esquema “a Terra e o Homem”. As opções de conteúdos são inúmeras – elas não devem vir antes dos objetivos, mas depois e em função deles (VESENTINI, 2009, p. 90, grifos do autor).

Por isso há a necessidade de se definir, antes mesmo dos conteúdos, o que se pretende ao ensinar Geografia, e quais são os objetivos do ensino dessa disciplina. Para Nestor Kaercher (2012), a geografia escolar é considerada uma disciplina enfadonha, entre outras razões, porque não temos bem definido os objetivos de ensino. Muitas vezes o objetivo de ensino de determinado conteúdo é o próprio conteúdo em si. Não se sabe o que tem que ser ensinado ou a razão de se ensinar determinado conteúdo. O autor afirma que há uma confusão entre objetivos e conteúdos, o que também torna a disciplina confusa e distante dos alunos.

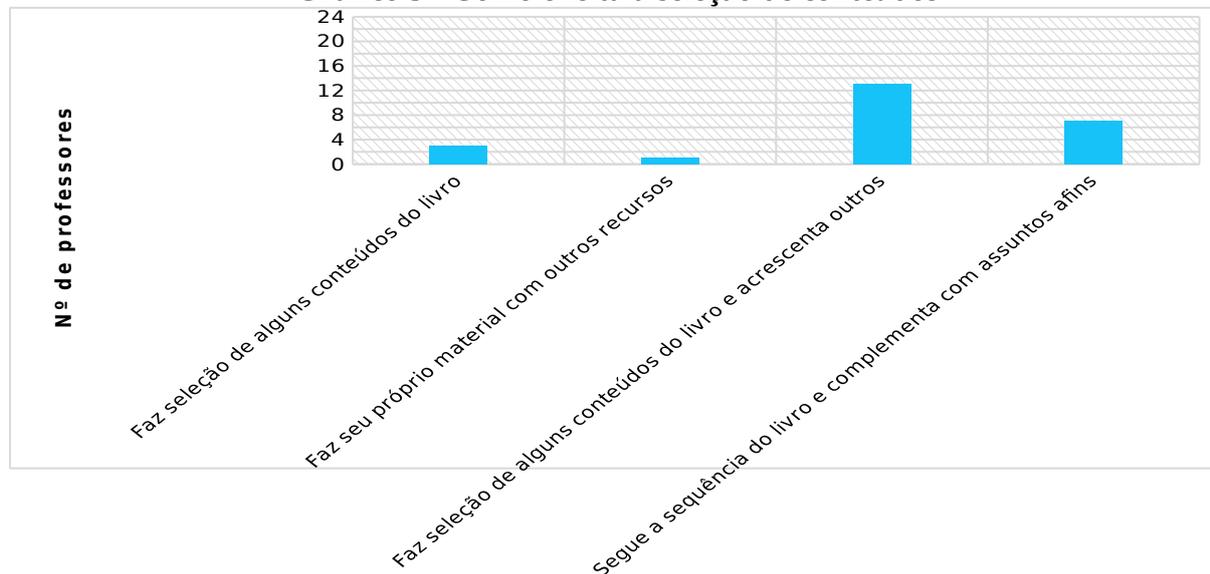
O motivo é a falta de conhecimento teórico, que deve dar sustentação à prática docente. “Dispensar a teoria em nome da prática, da experiência, é uma ingenuidade. É manter a Geografia como pastel de vento: bonita por fora (conteúdos atuais, belos livros didáticos), mas pobre na leitura, na proposta de entendimento do que se fala!” (KAERCHER, 2012, p. 66).

Em nosso entendimento não há como definir o quanto de conhecimento teórico dispõem os professores, ao apenas evidenciar o modo como estes selecionam o conteúdo que ensinam. E nesse aspecto ficou claro que a maioria deles faz a seleção dos seus conteúdos a partir dos livros didáticos, mas também acrescentam outros conteúdos, de certo modo,



indicando certa autonomia quanto aos conhecimentos da disciplina, conforme podemos perceber no gráfico abaixo.

Gráfico 5 - Como é feita a seleção de conteúdos



Fonte: Dados do questionário, 2016. Elaboração dos autores.

Uma pequena parcela dos professores pesquisados (3) seleciona seus conteúdos a partir do livro didático, sem acrescentar algo, além do que já está posto no material. Apenas um professor não usa o livro e faz uso de seu próprio material, mas a maioria dos professores (13) seleciona os conteúdos no livro e acrescenta outros temas. Outra parte considerável dos professores (7) segue a sequência de conteúdos proposta no livro, acrescentando assuntos que complementam o conteúdo. Embora possa parecer a mesma coisa, a diferença entre os dois últimos grupos é basicamente o fato de selecionarem ou seguirem a sequência já pronta do livro, o que de certo modo pode refletir o nível de autonomia do professor.

É fundamental que o professor tenha essa liberdade de adaptar o material que dispõe, seja complementando um conteúdo com situações locais, selecionando outros temas que considere necessário, ou mesmo retirando conteúdos presentes nos livros. Nem sempre tudo o que há no livro didático é relevante para determinado contexto, especialmente quando se tem pouco tempo de aulas e é necessário selecionar o fundamental. Nesse sentido, Paganeli (2002) alerta:

Uma seleção tem, como pressuposto, o domínio pelo professor de Geografia dos conhecimentos da ciência geográfica, associada à compreensão das principais correntes do pensamento geográfico, enfoques, categorias, conceitos básicos e a evolução da própria disciplina escolar; conhecimentos que permitem que se situe, em sua prática pedagógica, numa opção metodológica mais coerente. [...] Um professor, sujeito desse conhecimento, e não simples transmissor, é capaz de enfrentar, com êxito, a seleção de conteúdos e sua organização em um planejamento curricular. É capaz de situar-se crítica e criativamente diante das concepções e elaborações dos autores, nas diferentes publicações e em relação aos materiais didáticos disponibilizados pela indústria cultural (PAGANELI, 2002, p. 150).

Dominar esse conhecimento dá condições para o professor definir melhor os objetivos da Geografia enquanto disciplina escolar e, conseqüentemente, selecionar o conteúdo mais



adequado para a sua realidade, adaptar o conteúdo proposto no livro, incluir novos temas, retirar o que não se adequa, enfim, fazer suas próprias escolhas.

A seleção do conteúdo faz parte de um momento bastante importante na prática pedagógica de todo professor: o planejamento. Para Libâneo (1994, p. 221) “o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”. Por essa razão é uma atividade fundamental para o desenvolvimento do trabalho docente.

As práticas da sala de aula são normalmente uma consequência de planejamentos, alguns mais, outros menos elaborados, mas de qualquer forma é necessário planejar a ação, o conteúdo, o que se deseja de cada aula. Desse modo, o planejamento escolar é inevitável, seja ele formal, documentado ou apenas efetivado por anotações. De qualquer forma é preciso pensar antecipadamente sobre a aula.

Nesse sentido, observamos que todos os professores realizam o planejamento de suas aulas, embora de maneiras diferentes. Todos os professores fazem um planejamento anual, que sofre adaptações durante o ano, uma vez que a dinâmica da sala de aula exige a mudança. O planejamento do início do ano fornece a base do processo de ensino-aprendizagem, mas não pode contemplar toda a complexidade do processo ao longo de um ano letivo. O planejamento, portanto, é um elemento essencial para o bom desenvolvimento do trabalho docente, sendo fundamental que os objetivos e as estratégias que serão utilizadas estejam muito claras para o professor.

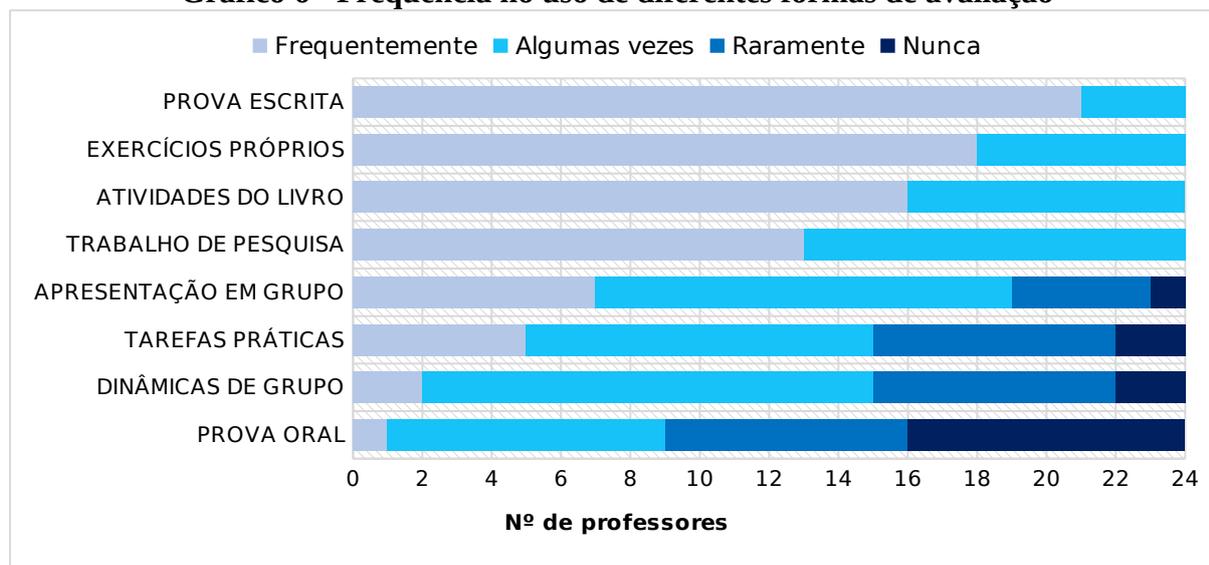
Quais são formas de avaliação mais utilizadas

É comum pensarmos em avaliação como a averiguação do trabalho realizado, como instrumento ou processo para avaliar/medir o grau de alcance de determinado desempenho, principalmente do aluno em relação à aprendizagem de algum conteúdo.

Ao discutir a avaliação, Zabala (1998) mostra que existem muitas discussões sobre outros modos de pensar a avaliação, que não se limitam à valoração de resultados. A avaliação, segundo ele, deve estar em consonância com as finalidades do ensino. Quando o ensino busca apenas selecionar os melhores alunos, cabe uma avaliação que mede apenas resultados, o que não se aplica a um ensino que visa à formação integral.

Desse modo, o ensino proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN tem uma preocupação com a formação do indivíduo para a sua cidadania. Segundo esse documento, a avaliação deve contemplar a operacionalização de conceitos, procedimentos e atitudes. Zabala (1998) defende que para a operacionalização desses conteúdos, a avaliação quantitativa não é adequada, é preciso pensar uma avaliação formativa, que ocorre, sinteticamente, quando a avaliação deixa de centrar exclusivamente nos resultados e passa a olhar para o processo de ensino/aprendizagem, de modo que, o objeto da avaliação deixa de ser apenas o aluno e passa a incluir o professor que intervém no processo.

A prova escrita é o recurso que quase todos os professores utilizam com frequência, seguida dos exercícios que eles mesmos elaboraram e das atividades do livro para fins de avaliação, conforme o gráfico 6. É possível que muitos professores ainda tenham a visão de uma avaliação quantitativa, afinal, o próprio sistema exige uma nota para a aprovação ou não do aluno. Mas vemos que outras possibilidades são postas em prática, que outros recursos também são utilizados, provavelmente em conjunto com a prova escrita.

**Gráfico 6 - Frequência no uso de diferentes formas de avaliação**

Fonte: Dados do questionário, 2016. Elaboração dos autores.

É preciso considerar que cada aluno aprende de modo diferente e a avaliação numa perspectiva formativa contribui para adequar o modo de ensinar, a partir da análise das deficiências resultantes da avaliação. Então é válido usar diversas estratégias além da prova escrita, estratégias que se adequam a cada situação e aos alunos.

É importante também que essas estratégias, especialmente quando se tratam de atividades, exercícios de compreensão, trabalhos diversos, não estejam restritas à sala de aula. Há a necessidade do acompanhamento dos pais, para que os estudos possam ir além da sala de aula, e que sejam reforçados em casa.

O trabalho de pesquisa como um meio de avaliação é também um importante recurso de aprendizagem, pois dá condições ao aluno de desenvolver certa autonomia, incentiva a aprendizagem de conteúdos procedimentais; quando ele mesmo tem que pesquisar, sintetizar os aspectos mais importantes e reelaborar o material pesquisado.

Através dos trabalhos de pesquisa também podem ser conduzidos os trabalhos de apresentações. As exposições enriquecem ainda mais o aprendizado, pois são uma maneira de ir além da leitura e da escrita. É importante saber dialogar, falar ao público, sistematizar as ideias de forma oral. Isso muitas vezes é deixado de lado, embora seja uma maneira de incentivar o desenvolvimento de outras habilidades, além da escrita, que é prioridade na maior parte dos trabalhos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, vimos que vários problemas afetam de forma direta ou indiretamente o ensino de Geografia. O problema mais citado pelos professores participantes da pesquisa está relacionado à dificuldade de leitura e escrita dos estudantes, um problema que faz parte de um contexto maior, que vai além da Geografia e se estende a formação



anterior ao Ensino Fundamental. A escrita e leitura precisa ser melhor desenvolvida nos Anos Iniciais, pois trata-se da base para todos os outros conhecimentos escolares.

O segundo problema, ligado diretamente ao ensino de Geografia, apontado pelos professores como uma das principais dificuldades, é a falta de recursos didáticos específicos para a disciplina de Geografia, o que leva o professor a ter uma certa limitação de estratégias metodológicas, que giram em torno da aula expositiva e uso do livro didático como principal recurso. A aula expositiva quando aberta a possibilidade de debate, é um excelente meio de aprendizagem, de troca entre professor e aluno, fundamental para a mediação da aprendizagem. Atrelada ao uso do livro, com a realização de atividades, a análise de mapas e imagens são a base da prática diária de muitos professores. Ainda assim, diversificar as estratégias sempre que possível é importante para despertar ou manter o interesse do estudante.

Quanto à seleção dos conteúdos, a maioria dos professores segue o conteúdo dos livros didáticos, sendo que a maioria seleciona alguns desses conteúdos e acrescenta outros assuntos conforme achem necessários para cada realidade. Isso é bastante interessante, pois demonstra um certo domínio da ciência e autonomia do professor para fazer suas próprias escolhas e pensar o seu trabalho. É muito importante que o professor possa fazer as adaptações que achar necessárias para garantir a aprendizagem da turma.

A forma de avaliação mais utilizada ainda é a prova escrita, mas associada a esse recurso, as atividades propostas no livro didático são valorizadas, além de outras atividades elaboradas pelo próprio professor, assim como trabalhos de pesquisa, que também colaboram com o desenvolvimento de outras habilidades ao estudante.

Concluimos que o professor adapta o seu trabalho pelo contexto e condições que tem em cada realidade escolar, e que a Geografia produzida na sala de aula pode apresentar diferentes feições, conforme os problemas e também soluções que são encontradas ao longo do percurso de ensinar e aprender Geografia.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Geografia. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In.: CASTROGIOVANNI, Antonio C. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. 7ed. Porto Alegre. Editora Mediação, 2009.
- CAVALCANTI, Lana de S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 16ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2010.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. “Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade”. In: REGO, N., CASTROGIOVANNI, A. C., KAERCHER, N. A. (Org.). Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio. São Paulo: Artmed, 2007.
- FARINA, B. C., GUADAGNIN, F. Atividades práticas como elemento de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. In: REGO, N., CASTROGIOVANNI, A. C., KAERCHER, N. A. (Org.). Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio. São Paulo: Artmed, 2007.
- FILIZOLA, Roberto; KOZEL, Salete. Teoria e Prática do Ensino de Geografia: Memórias da Terra. São Paulo: FTD, 2009. 79 p.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KAERCHER, Nestor. A Geografia como Midas é um obstáculo e um dos desafios da nossa docência. In.: CASTELLAR, Sonia. MUNHOZ, Gislaíne. Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos. São Paulo. Xamã, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.



Jane Claudia Cabral Bragelone, Alessandro Dozena e Eugênia Maria Dantas

PAGANELLI, Tomoko. Reflexões sobre categorias, conceitos e conteúdos geográficos: seleção e organização. In.: PONTUSCHKA e OLIVEIRA (Orgs.). Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa. São Paulo: Contexto, 2002.

PONTUSCHKA, N. N; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. Para Ensinar e Aprender Geografia. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

RIBEIRO, Vanda. GUSMÃO, Joana. Uma análise de problemas detectados e soluções propostas por comunidades escolares com base no Indique. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 22, n. 50, p. 457-470, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1660/1660.pdf>> Acesso em: 17 jun 2016.

VESENTINI, José William. Repensando a geografia escolar para o século XXI. São Paulo: Plêiade, 2009.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre. Artmed, 1998.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

BRAGELONE, Jane Claudia Cabral. DOZENA, Alessandro. DANTAS, Eugênia Maria. Elementos da Prática Pedagógica dos Professores de Geografia da Rede Estadual de Educação em Natal/RN. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 18, n. 2, p. 139-152, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2022.59862>. Acesso em: DD MM. AAAA.